

INTRODUÇÃO

FRANCISCO TOPA*

TÂNIA FURTADO MOREIRA**

Os treze estudos reunidos neste volume tiveram como ponto de partida o Colóquio Internacional *Solidão, Soledade, Solitude, Sozinhice: Problema Social ou Escolha Pessoal?*, organizado pelo grupo de investigação «Literatura e Diálogos Interculturais» do CITCEM¹, e decorrido na Casa dos Livros da Universidade do Porto, nos dias 22 e 23 de novembro de 2023. Desde a primeira obra da Literatura Europeia à Psicanálise junguiana, passando pelos Evangelhos Sinópticos e por toda uma tradição cultural e literária que não se subsume ao Ocidente, *estar só* reveste-se de múltiplos sentidos, nem sempre fixados pela fenomenologia da circunstância que medeia o sujeito. A problematização inerente ao tema conduziu à prospeção de olhares diversos em torno da solidão, que tanto conflui em eco etimológico da saudade no arcaísmo *soledade*, como se reveste dessa aura benigna da comunhão consigo mesmo identificada na *solitude*, ou mesmo se intensifica no desconcertante neologismo autenticado por Luandino Vieira: a *sozinhice*.

Naquele lugar de encontro e de debate científico, mostraram-se estimulantes as oportunidades de reflexão colaborativa acerca desse pilar antropológico, visto que o homem, além de ser social por natureza, é também, segundo a descrição sumária de Aristóteles, um *zoon politikon*, isto é, um ser natural e radicalmente inserido na vida comunitária e organizada da pólis. Tendo vigorado nas apresentações orais do Colóquio as claves inter e transdisciplinares, esse cunho fecundante vê-se ora esbatido na atual seleção de textos, onde a Literatura reafirma a ascendência matricial na longa linhagem reflexiva sobre o tema.

Na senda de um histórico monaquismo (o radical grego *mona* significa *sozinho*) de raízes filosófico-religiosas, orientais e ocidentais, bem anteriores à fundação do Cristianismo, de cariz ascético pautado pelo rigor da castidade, do despojamento e da oração tendo em vista o acesso ao divino, a vivência em solidão foi decisivamente enaltecida, entre nós, no Trecento italiano por um dos poetas que mais marcaram a Literatura da Idade Moderna. Em *De Vita Solitaria* — obra paradigmática que se refletiu, por exemplo, no nosso anónimo medieval *Boosco Deleitoso* —, Francesco

* U. Porto/CITCEM (UIDB/04059; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). Email: ftopa@letras.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6929-5618>.

** FLUP/CITCEM (UIDB/04059; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). Email: tfmoreira@letras.up.pt; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3831-4641>.

¹ A comissão organizadora foi constituída por Carlos Teixeira, Francisco Topa, Mafalda Sofia Gomes e María del Pilar Nicolás Martínez, docentes da Universidade do Porto e membros integrados do CITCEM.

Petrarca defende a solidão como meio prevalecente para o encontro com Deus e condição necessária à vida intelectual exercida no culto do *studium*. A solidão tornou-se, então, um dos temas capitais do petrarquismo que alimentou o imaginário cultural do Ocidente, podemos dizer, até à Modernidade. A forte ligação à imagética bucólica veiculada naquele tratado, além de repercutir o longo costume monacal, projeta-se para a posteridade, e para lá do Atlântico, num livro de cabeceira de eremitas com a vocação ecológica dos tempos de hoje. Pensamos, claro, em *Walden; or, Life in the Woods*, do norte-americano Henry David Thoreau, que ainda hoje inspira retiros meditativos em solitude na natureza.

Claro que o poeta do *Canzonieri* foi também ele um grande herdeiro da cultura clássica, mormente, para o efeito, do estoicismo, que empenhadamente estudou e absorveu. Em todo o caso, nas *Epistulae Morales*, Séneca exorta Lucílio ao exercício da solidão, não sem lhe recomendar a necessária vigilância, mantendo-se longe das multidões, dos pequenos grupos, e mesmo dos cenobitas. Já no século XVI, reforçando o vínculo do ócio à solitude prudente, Michel de Montaigne, nos seus *Essais*, chama a atenção para a necessidade do firme freio a controlar as imaginações selvagens que avassalam o homem deixado em diálogo consigo mesmo. Mais tarde, em Setecentos, Jean-Jacques Rousseau, por seu turno, refugia-se nas suas *Rêveries du Promeneur Solitaire* qual renúncia pública a um mundo enfermo, cujo afastamento resulta imperativo para a condução do espírito no caminho da razão e do bem, subvertendo, sem querer, as razões dos estultos misantropos, de Menandro a Molière. Enquanto *Der Wanderer über dem Nebelmeer*, de Caspar David Friedrich, consagra a imagem do homem moderno em lugar ermo diante do nubeloso destino, na sequência da morte de Deus pronunciada em Hegel, e para quem agora a necessidade de consolo se tornou impossível de satisfazer, como enuncia Stig Dagerman.

Ainda que aqui ou ali matizados por prudentes advertências, os louvores à condição do solitário persistem, isso é certo, no mundo das Letras. Mesmo nos momentos em que a solidão parece intempestiva. Rainer Maria Rilke, por exemplo, sabendo que o jovem poeta Franz Xaver Kappus vai passar o Natal de 1903 sozinho, admoesta-o com acutilância sobre a necessidade de se estar só para se poder penetrar o sentido da vida. Não omite que é uma posição difícil, de disciplina e de muito rigor. O valor do sacrifício está, porém, garantido. Cultivar uma solidão enorme, e depois amá-la na sua grandeza. E ser grande com ela.

Ulisses e Leopold Bloom, Fausto e Hamlet, Ema Bovary e Anna Karenina, Gregor Samsa e o Virgílio de Broch, todos os heróis estão sós na sua saga. E há exemplo maior de solidão do que a da personagem das personagens romanescas, D. Quijote lutando contra os moinhos de ventos? Chegados ao primeiro quartel do século XXI, testemunhas oculares e em diferido das mais variadas vítimas de isolamentos forçados, bem como do

confinamento coletivo de cidadãos esterilizados por mil e um estímulos de origem digital, talvez não nos admiremos de encontrar na Literatura os sinais de resistência à indiferença e à desumanização, o toque deleitoso onde a solidude possa ser apreciada e transformada num movimento maior de conexão.

Os Organizadores